

A ERA DA ANSIEDADE: A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA E A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NESSE CONTEXTO.

THE AGE OF ANXIETY: THE INFLUENCE OF ANXIETY ON CHILDREN'S LEARNING AND THE IMPORTANCE OF THE FAMILY-SCHOOL RELATIONSHIP IN THIS CONTEXT

Gabriela Mello Scudeler<sup>1</sup>; Samira Maximiano Schiavon<sup>2</sup>; Roberta Mello Francatto<sup>3</sup>

1. *Graduada em Pedagogia pela Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo (UNIMOGI).*

E-mail: gabimellsc@gmail.com

2. *Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo. UNISAL Docente do Curso de Pedagogia e Psicologia na Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo – UNIMOGI- Mogi Guaçu –; E-mail: professorasamiraschiavon@gmail.com*

3. *Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Cuyo- UNCUYO/Argentina e Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Brasil- UFRJ. Coordenadora do Curso de Pedagogia e Docente na Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo –UNIMOGI, Mogi Guaçu; E-mail: profrobertamello@gmail.com*

## RESUMO

A família e a escola são amplamente abordadas por diversos estudiosos, com o objetivo de promover o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes em idade escolar. A família exerce papel primordial nesse processo, embora, em muitos casos, haja divergências quanto às responsabilidades educativas, sendo frequentemente atribuída à escola uma função que deveria ser compartilhada.

Na contemporaneidade, marcada pelo aumento significativo dos casos de ansiedade especialmente após a pandemia da Covid-19, torna-se imprescindível refletir sobre a importância da parceria entre família e escola. O ensino remoto e o isolamento social impactaram diretamente o desenvolvimento emocional das crianças, intensificando quadros de ansiedade e afetando o processo de aprendizagem.

Este estudo tem como objetivo analisar a influência da ansiedade na aprendizagem infantil e discutir a relevância da relação família-escola como fator mediador. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica integrativa.

**Palavras-chave:** Família; Escola; Ansiedade.

## ABSTRACT

Family and school are widely discussed themes among scholars, aiming to promote the healthy development of children and adolescents. In contemporary society, marked by a significant increase in anxiety cases—especially after the Covid-19 pandemic—it is essential to reflect on the importance of the family-school relationship.

This study aims to analyze the influence of anxiety on children's learning and to discuss the importance of family-school interaction. The methodology used was an integrative literature review.

**Keywords:** Family; School; Anxiety.

## INTRODUÇÃO

Temas relacionados à escola e à família são focos frequentes de pesquisas e publicações desenvolvidas por pesquisadores de diversos segmentos, todos com a mesma finalidade: contribuir com levantamentos e informações que auxiliem a tríade escola-família-aprendizagem. Entretanto, atualmente, observa-se o surgimento de outro tema bastante recorrente nas pesquisas relacionadas à escola: a ansiedade escolar, transtorno que pode ser desencadeado por diversos fatores.

A criança, quando se sente desamparada pelos familiares ou não consegue relacionar-se com os colegas de escola, pode apresentar sintomas característicos da ansiedade, como insegurança, medo e angústia. Tais sintomas são de difícil reconhecimento, tanto pela pouca idade quanto pela dificuldade que a criança possui em expressar seus sentimentos de forma objetiva, podendo impactar diretamente a aprendizagem e o desempenho escolar.

O intuito deste trabalho é provocar uma reflexão sobre a importância da participação da família na vida escolar da criança, auxiliando no processo de aprendizagem e contribuindo para a promoção da saúde mental infantil. Pretende-se, ainda, evidenciar os benefícios do trabalho conjunto entre família e escola, uma vez que ambas exercem a função de educar, servindo como referência, instruindo e preparando a criança para a vida em sociedade.

É na família que se constroem os primeiros modelos a serem seguidos pelas crianças, constituindo o vínculo mais forte e significativo na formação do indivíduo. Assim, sua participação e comprometimento com a educação são fundamentais. Ambas, família e escola, desempenham papel importante na formação do sujeito, tanto na socialização dos saberes quanto na formação moral da criança. Acredita-se que essa educação compartilhada contribui para a construção do caráter, formando um indivíduo consciente, questionador e apto a tomar decisões, o cidadão que a sociedade idealiza (LIMA, 2021).

Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de refletir sobre a participação e a contribuição da família no contexto escolar como agente mediador da aprendizagem dos filhos. A questão da participação familiar na escola vem sendo amplamente debatida, dada a relevância desse trabalho conjunto.

---

## MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica integrativa. Tal abordagem permite a sistematização e a análise crítica do conhecimento produzido sobre a

temática, contribuindo para uma compreensão ampliada das relações entre ansiedade infantil e aprendizagem no contexto escolar.

O corpus da pesquisa foi constituído a partir de levantamento realizado em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como SciELO, Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), contemplando publicações no período de 2000 a 2025. Foram considerados estudos de autores relevantes na área, como Zanfer, Pires, Muniz e Moreira, com ênfase em produções recentes, especialmente aquelas publicadas no contexto pandêmico e pós-pandêmico.

Para a busca dos estudos, utilizaram-se descritores em português e inglês, tais como: “ansiedade infantil”, “aprendizagem”, “família e escola” e “saúde mental na infância”, combinados por meio de operadores booleanos.

Os critérios de inclusão abrangeram produções científicas que abordassem diretamente a relação entre ansiedade infantil, aprendizagem e o contexto familiar e escolar. Foram excluídos estudos duplicados, sem rigor científico ou que não apresentassem aderência ao objeto de investigação.

A análise dos dados foi conduzida por meio de leitura flutuante, seguida de leitura analítica e interpretativa, com organização do material em categorias temáticas. Esse processo possibilitou a identificação de convergências teóricas, lacunas e contribuições relevantes, subsidiando uma discussão crítica fundamentada na literatura.

---

## RESULTADOS e DISCUSSÃO

### 1.FAMÍLIA, ANSIEDADE E ESCOLA

Assim como toda a sociedade, *família* e escola passam por mudanças que redefinem sua estrutura, seu significado e o seu papel social, com o passar dos anos e a as novas demandas e modelos familiares o papel da escola foi ampliado, apesar da parceria proposta ainda se percebe que existe certo distanciamento entre a família e a escola. (OLIVEIRA e SILVA, 2015).

Observamos hoje que o conceito de família passou por mudanças com o passar do tempo. A família contemporânea não segue o modelo de família conhecida como tradicional que nos fora apresentado no século passado, no qual a estrutura era composta pelo pai, mãe e filhos, e cada qual tinha seu papel bem definido.

A partir da década de 1970, com a inserção mais efetiva da mulher no mercado de trabalho, a família passou por transformações significativas, e os papéis foram sendo

ressignificados. Não apenas o pai passou a ser provedor, mas também as mulheres/mães assumiram esse papel.

Segundo informações do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, IPEA, o número de mulheres chefes de família saltou de 25% em 1995 para 45% em 2018, correspondendo a 21,9 milhões de lares conduzidos por mulheres (IPEA, 2021).

Tonet (2021), ressalta que a família não é apenas o berço da cultura e a base para um futuro melhor, mas é o centro da vida social da criança. A educação recebida desde a infância pela família servirá de base para seu comportamento na vida adulta. A família tem sido, e continuará sendo a influência mais significativa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter do indivíduo. Sem essa referência, a criança pode ficar mais suscetível a influências externas diversas.

A *ansiedade* se refere a uma reação natural do organismo, sendo também considerada um transtorno mental que desencadeia emoções como angústia, tensão, medo e insegurança. Muitas vezes, as pessoas que sofrem de ansiedade não conseguem identificar o que está lhe causando esse mal-estar. No entanto, quando excede o nível de normalidade pode gerar grande desconforto para o indivíduo, podendo provocar sintomas físicos como arritmia e taquicardia, vertigens ou tonturas, boca seca, dificuldade respiratória entre outros e sintomas psíquicos, cognitivos, comportamentais e sociais., sendo que todos esses sintomas tendem a afetar a qualidade de vida dos indivíduos (FUND, 2002).

A *escola*, embora seja um espaço fundamental para o desenvolvimento da criança e do adolescente, também pode se tornar um ambiente propício ao surgimento de situações desafiadoras, capazes de gerar emoções como medo, insegurança e tensão. Em um primeiro momento, essas reações podem ser consideradas naturais; entretanto, quando persistentes, tornam necessária a intervenção médica e psicológica (MORO, 2004).

Segundo informações da Organização Mundial de Saúde (OMS), a ansiedade corresponde a um dos principais problemas de saúde mental a nível mundial. Pesquisa realizada e divulgada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre os meses de maio/junho/julho, pico da Pandemia de Covid19, 80% da população adulta do Brasil, tornou-se mais ansiosa.

A principal conclusão da pesquisa foi que, nesse período de pandemia, as pessoas desenvolveram ou aumentaram, quem já tinha sintomas de estresse, ansiedade ou depressão. Isso foi bem marcante, até porque, quando se comparam os nossos dados com os de outros países, como Itália e China, 80% da população da nossa amostra chegaram a reportar sintomas moderados a graves de ansiedade e 68%, depressão.

A ansiedade pode ser compreendida como um mecanismo de defesa do organismo, desencadeado pela antecipação de estímulos, situações desagradáveis ou de perigo. Em níveis considerados normais, configura-se como um estado de alerta adaptativo; entretanto, passa a assumir caráter patológico quando interfere significativamente na rotina e no desenvolvimento da criança. Segundo o Ministério da Saúde, estima-se que aproximadamente 5% das crianças apresentem transtornos de ansiedade em níveis agudos, necessitando de acompanhamento especializado, a fim de evitar prejuízos à saúde mental (MOREIRA, 2021).

Os problemas de saúde mental na infância e adolescência constituem um desafio global significativo. Estima-se que entre 10% e 20% das crianças e adolescentes apresentem algum transtorno mental, sendo que dados mais recentes indicam que aproximadamente 1 em cada 7 jovens (cerca de 14%) vivencia essas condições em nível mundial (OMS, 2025). Apesar dessa elevada prevalência, observa-se uma importante lacuna na oferta de serviços, uma vez que a maioria das crianças e adolescentes não recebe atendimento adequado, evidenciando fragilidades estruturais nos sistemas de saúde mental infantojuvenil em âmbito global (UNICEF; OMS, 2024).

No contexto brasileiro, observa-se a insuficiência de serviços especializados voltados à saúde mental infantojuvenil, especialmente no que se refere à atenção precoce e integrada. Soma-se a isso o fato de que, em função do estágio de desenvolvimento emocional e cognitivo, muitas crianças apresentam dificuldades na identificação, compreensão e expressão de seus estados internos. Nesse sentido, manifestações de ansiedade frequentemente ocorrem por meio de comportamentos externalizantes ou socialmente inadequados, impactando negativamente as relações interpessoais nos contextos familiar e escolar (HUBERTY, 2012; GREENE, 2014).

Ademais, o diagnóstico de transtornos de ansiedade na infância constitui um desafio clínico relevante, uma vez que os sintomas tendem a se apresentar de forma atípica ou mascarada, sendo frequentemente reconhecidos apenas após alterações emocionais e comportamentais mais evidentes (RAPOPORT et al., 2005; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

Em outro estudo em solo brasileiro, realizado com 206 crianças em Unidade Básica de Saúde na cidade de São Paulo, identificou 23,8% de crianças que apresentaram algum dos sintomas de transtornos de ansiedade, desde sintomas amenos com inquietação como os mais agudos como alterações no apetite, dificuldades no sono, medos e preocupações excessivas, cefaleias, retraimento social e oscilação de humor. Tais manifestações comprometem o funcionamento cotidiano da criança, bem como suas interações nos contextos familiar e escolar (Brasil, 2021).

Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de um olhar atento, sensível e qualificado para a identificação precoce dos sinais de ansiedade na infância. A intervenção oportuna possibilita o encaminhamento adequado e a adoção de estratégias eficazes de cuidado, minimizando impactos no desenvolvimento global da criança. Ressalta-se que, quando não tratada, a ansiedade pode evoluir para quadros psicopatológicos mais graves, como síndrome do pânico e depressão.

No contexto escolar, a ansiedade tende a intensificar-se ao longo do Ensino Fundamental, especialmente por se tratar de um período de transição no desenvolvimento infantil, situado entre o final da infância e o início da adolescência. Essa fase é marcada por mudanças significativas nos domínios cognitivo, emocional e social, bem como pelo aumento das demandas acadêmicas e das expectativas de desempenho, fatores que podem contribuir para o agravamento de sintomas ansiosos (MORO, 2004, ECCLES et al., 1993; HUBERTY, 2012; American Psychiatric Association, 2022).

Quando a ansiedade é identificada no contexto infantil, seja por professores ou familiares, a presença de sintomas requer intervenções precoces que favoreçam a regulação emocional e a melhoria das relações afetivas. De acordo com Paulo Dalgalarondo (2018), os sintomas psíquicos manifestam-se por meio de experiências subjetivas e expressões comportamentais que exigem uma leitura cuidadosa do contexto em que a criança está inserida. Nesse sentido, as emoções vivenciadas no ambiente escolar exercem influência significativa sobre o desenvolvimento infantil, sendo que a qualidade das interações com os pares assume papel central, impactando diretamente o desempenho escolar, os processos de aprendizagem e a motivação.

A ansiedade, por sua vez, está frequentemente associada ao estresse acadêmico, especialmente em situações avaliativas. Nesses momentos, torna-se fundamental que família e professores adotem uma postura empática e acolhedora, reconhecendo que, para a criança, tais situações podem representar desafios significativos, gerando medo, insegurança e antecipação negativa. Conforme discutido, os aspectos afetivos interferem diretamente nos processos de aprendizagem; nesse sentido, as variáveis emocionais desempenham papel central tanto no desempenho acadêmico quanto na saúde mental infantil (MUNIZ, 2016; American Psychological Association, 2023).

Corroborando essa perspectiva, estudo realizado por Moreira e Silva (2015) comparou os níveis de ansiedade entre estudantes com desempenho escolar satisfatório e aqueles com histórico de baixo rendimento acadêmico. Os resultados evidenciaram que os alunos com dificuldades persistentes de aprendizagem apresentaram níveis significativamente mais

elevados de ansiedade em comparação aos estudantes com desempenho adequado, reforçando a relação bidirecional entre ansiedade e aprendizagem

Essa compreensão pode ser aprofundada à luz de referenciais teóricos clássicos do desenvolvimento humano. Sob a perspectiva de Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio das interações sociais, sendo mediado pelas relações estabelecidas no ambiente cultural, desse modo, estados de ansiedade podem comprometer a qualidade dessas interações e, conseqüentemente, prejudicar o processo de aprendizagem. Wallon, por sua vez, destaca a indissociabilidade entre emoção e cognição, reforçando que alterações no campo afetivo impactam diretamente o desenvolvimento intelectual da criança.

Complementarmente, a Teoria do Apego, proposta por Bowlby, evidencia que vínculos afetivos seguros são fundamentais para a regulação emocional, influenciando diretamente a forma como a criança enfrenta desafios escolares e situações de estresse. Já Piaget reconhece que, embora o desenvolvimento cognitivo siga estágios estruturais, fatores emocionais podem interferir na construção do conhecimento, sobretudo quando geram bloqueios ou dificuldades de adaptação.

Dessa forma, evidencia-se que a ansiedade no contexto escolar não deve ser compreendida de forma isolada, mas sim como um fenômeno multifatorial, que envolve aspectos emocionais, sociais e cognitivos, exigindo intervenções integradas entre escola e família para a promoção do desenvolvimento integral da criança.

A *escola*, juntamente com a família e a Igreja, constitui-se como uma das principais instituições sociais responsáveis pela integração dos indivíduos na sociedade. Historicamente, a escola desempenha papel fundamental na articulação com o meio social, sendo reconhecida como espaço de produção e sistematização do conhecimento, além de atuar na formação de indivíduos aptos a se inserirem e responderem às demandas sociais.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “educação” deriva do latim *educare*, que significa alimentar, cuidar e criar. Nessa mesma perspectiva, o sociólogo Émile Durkheim, considerado um dos precursores da Sociologia da Educação, define a educação como “a influência que os adultos exercem sobre os mais jovens, com o objetivo de prepará-los para a vida em sociedade, por meio da transmissão de conhecimentos, regras e do desenvolvimento psicológico” (FERRARI, 2008).

A crise mundial instaurada após o surgimento do vírus Covid-19 desencadeou sentimentos de insegurança e ansiedade em toda a população, sendo que as crianças também vivenciaram intensamente esses efeitos. A partir da implementação da quarentena social em todo o país, as aulas presenciais foram suspensas, dando início ao ensino remoto. Além do afastamento de entes queridos, parques e espaços de lazer, houve também o distanciamento

dos colegas e de toda rotina escolar, o que contribuiu para que muitas crianças passassem a apresentar ociosidade e aumento dos níveis de ansiedade.

Após cerca de 17 meses de ensino remoto, as escolas iniciaram a retomada gradual das atividades presenciais. Embora esperada, essa transição foi acompanhada pelo aumento de sintomas de ansiedade em crianças, relacionados tanto à readaptação social quanto ao medo de contaminação, especialmente em famílias impactadas pela pandemia. Nesse contexto, muitos responsáveis optaram por manter as crianças em casa por mais tempo, considerando que o retorno presencial não era obrigatório, conforme o Decreto Estadual nº 65.849/2021.

Esse comportamento tem sido chamado por especialistas comportamentais como “Síndrome da Gaiola”, uma analogia a pássaros criados em cativeiro e que, mesmo quando libertos, por meio da abertura da porta da gaiola, preferem permanecer dentro dela, o sentimento é ainda mais comum entre crianças e jovens que já eram tímidos ou ansiosos antes da pandemia.

De acordo com o psiquiatra da infância e adolescência Guilherme Polanczyk, indivíduos que já apresentavam algum tipo de transtorno mental antes da pandemia demonstraram agravamento dos sintomas, seja pela intensificação da ansiedade associada ao medo de contaminação, seja por comportamentos característicos da chamada Síndrome da Gaiola. O autor também ressalta que mesmo pessoas sem histórico prévio de transtornos passaram a apresentar sintomas após serem submetidas ao estresse decorrente da pandemia (ZANFER, 2021).

Outra informação relevante foi apresentada em pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP), a qual evidenciou que, apesar da recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) de limitar o uso de dispositivos eletrônicos a no máximo três horas diárias, durante o período pandêmico a média de uso chegou a nove horas por dia. Esse aumento pode contribuir para o desinteresse das crianças em retornar ao ambiente escolar, uma vez que, na escola, o acesso a esses dispositivos é mais restrito. Os dados foram obtidos a partir do estudo “Jovens na Pandemia”, conduzido pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP, com a participação de mais de oito mil famílias com crianças e adolescentes de 5 a 17 anos (VICTORELLI, 2020).

Esse aumento no tempo de exposição às telas está diretamente relacionado à rotina familiar durante o período de isolamento, em que, enquanto os pais trabalhavam, as crianças alternavam entre televisão, computador e celular. Tal contexto pode estar associado tanto ao desenvolvimento da Síndrome da Gaiola quanto ao aumento de sintomas de ansiedade. No entanto, em publicação da UNICEF, argumenta-se que não se deve atribuir exclusivamente aos dispositivos eletrônicos a responsabilidade pelos prejuízos à saúde mental, destacando-se

fatores como a ausência de apoio parental e o enfraquecimento das relações afetivas familiares como elementos de maior impacto (UNICEF, 2020).

Corroborando essa perspectiva, (CALIL, 2021 apud Brasil, 2021) destaca que “o afastamento da vida social e da convivência com amigos limita outros aprendizados fundamentais na formação de valores” reforçando a preocupação com os impactos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes. Nesse sentido, em 17 de junho, a Comissão Externa de Enfrentamento à Covid-19 promoveu debate com especialistas sobre a chamada “Síndrome da Gaiola”, compreendida como o medo de retornar à escola e às atividades sociais após o período de isolamento. Dr. Zacharias Calil, deputado solicitante da audiência, ressaltou a importância de atenção à saúde mental de crianças e adolescentes nesse contexto (BRASIL, 2021).

Diante desse cenário, discutimos, com base na literatura, a relação entre família e escola e como essa interação pode contribuir para a prevenção, identificação e manejo dos transtornos de ansiedade, bem como influenciar o processo de aprendizagem infantil.

A escola passou, e ainda passa, por constantes transformações, com o objetivo de atender às demandas que, ao longo do tempo, lhe foram atribuídas. Historicamente, seu papel sempre esteve associado à formação de cidadãos, no entanto, na contemporaneidade, ampliou-se para abarcar também funções de natureza social, comportamental e afetiva na educação da criança. Nesse contexto, a alfabetização configura-se como um dos eixos do trabalho escolar, embora esteja longe de ser o único (CORSARO, 2005).

Não apenas a escola tem se transformado, mas também o trabalho docente, que passou a incorporar demandas que, anteriormente, não lhe eram atribuídas. Em um primeiro momento, a aprendizagem seguia um percurso mais definido, centrado na formação do cidadão para a vida em sociedade e na preparação para o mercado de trabalho, sendo considerado o núcleo da prática pedagógica. Atualmente, contudo, o professor lida com questões que extrapolam o campo cognitivo, envolvendo aspectos como afeto, respeito ao próximo, estabelecimento de limites, regra de convivência, hábitos de higiene, educação para o trânsito, uso de tecnologias, entre outros, que variam de acordo com o contexto sociocultural em que a escola está inserida. Muitos desses princípios, tradicionalmente construídos no âmbito familiar, passaram a integrar as competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), diante de lacunas observadas no contexto familiar.

Nesse cenário, o trabalho docente demanda uma atuação cada vez mais diversificada, considerando que cada indivíduo possui singularidades e que o desenvolvimento educacional não segue um padrão homogêneo, apresentando especificidades e limitações. Assim, o professor assume papel central no desenvolvimento da criança não apenas no âmbito

educacional, mas também social e moral, devendo considerar os aspectos individuais de cada aluno e reconhecer que este já chega à escola com uma bagagem cultural oriunda de seu contexto familiar. Torna-se, portanto, imprescindível um olhar pautado no respeito e na compreensão do universo da criança, o que reforça a necessidade de formação continuada e de qualidade para os profissionais da educação (BRENDLER, 2013).

Ao reconhecer que cada criança possui seu próprio ritmo de aprendizagem, torna-se necessário revisar métodos didáticos anteriormente considerados absolutos. O aluno contemporâneo, que antes ocupava uma posição mais passiva no processo de ensino, hoje tem acesso a múltiplas fontes de informação, tornando-se mais crítico, participativo e questionador (WEBER, 2021).

Lima (2021), também destaca que os estudantes atuais apresentam características distintas das gerações anteriores, demonstrando maior autonomia, capacidade de posicionamento e disposição para questionar. Diante disso, o professor precisa estar preparado para lidar com tais demandas, considerando que à escola cabe a responsabilidade de ensinar, com qualidade, os conteúdos essenciais à formação das novas gerações.

Entretanto, a escola, de forma isolada, não consegue alcançar plenamente os resultados esperados. Faz-se necessário o envolvimento, o comprometimento e a colaboração da família nesse processo. Enquanto a escola tem como objetivo central promover a aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento educacional e social dos alunos, cabe à família acompanhar e estar atenta às possíveis dificuldades apresentadas pela criança, sejam elas de ordem cognitiva ou comportamental, intervindo em parceria com a instituição escolar sempre que necessário. Tal articulação é fundamental para evitar que medos e inseguranças próprios da faixa etária evoluam para quadros mais complexos, como os transtornos de ansiedade, frequentemente observados no Ensino Fundamental (BRENDLER, 2013).

Todavia, para que a aprendizagem se efetive de maneira significativa, a escola precisa conhecer a realidade das famílias e o contexto em que estão inseridas, a fim de planejar intervenções mais adequadas e promover maior aproximação com os responsáveis. Assim, família e escola devem atuar de forma integrada, estabelecendo uma relação de parceria pautada no diálogo e na construção conjunta de estratégias que atendam às necessidades do aluno. Trata-se de uma ação coletiva, orientada por um objetivo comum: a promoção de uma educação de qualidade que contribua para a formação integral do sujeito e para a transformação social (CORSARO, 2005).

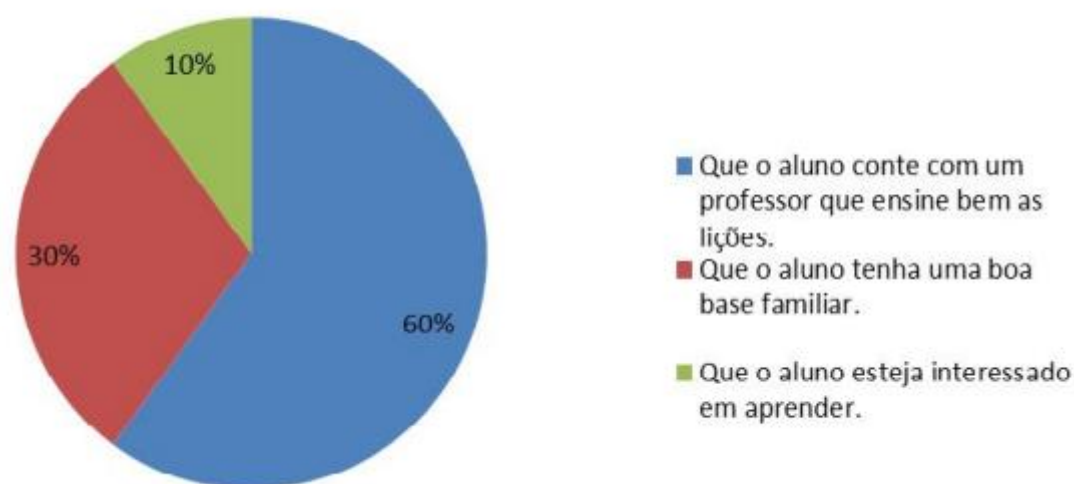
Em análise, percebem-se algumas divergências na relação família e escola, no entanto, é necessário estreitar e reduzir ao máximo essa distância, uma vez que ambas têm a criança como foco. Ambas ensinam e educam, cada uma com seus objetivos, e, juntas, formam um

todo no qual se dividem responsabilidades e se multiplicam soluções, uma vez que, possuem interesses comuns, ainda que adotem formas distintas de educar (LIMA, 2021).

Para Corsaro (2005), cada instituição deve assumir o seu papel, sendo que algumas atribuições são específicas da família, enquanto outras cabem à escola. Muitos pais ainda atribuem à escola o fracasso escolar da criança, alegando que a responsabilidade é da instituição, uma vez que esta estaria preparada para formar o aluno em toda a sua plenitude. Na opinião de muitos, basta matricular o filho e esperar que a escola supra todas as suas necessidades.

Conforme aponta Corsaro (2005), talvez a maior divergência resida, justamente, na busca por um culpado para o fracasso escolar do aluno. Essa questão torna-se evidente em pesquisa publicada por Pires e Yagashi (2015), a partir da seguinte indagação:

Que fatores interferem no aprendizado da criança segundo os pais ?



Fonte: PIRES e YAGASHI 2015

Os dados apresentados evidenciam uma tendência de atribuição da responsabilidade pela aprendizagem predominantemente ao professor, minimizando o papel da família e do próprio aluno. Contudo, a literatura contemporânea aponta que o processo de aprendizagem é multifatorial, envolvendo dimensões cognitivas, emocionais e sociais. Nesse sentido, estudos recentes indicam que fatores como saúde mental, vínculos familiares e engajamento do aluno exercem influência significativa sobre o desempenho escolar, relativizando a centralidade do professor como único agente responsável

Embora se reconheça que a escola é insubstituível nos processos de educação, formação profissional e socialização da criança, sua diversidade de ideias, crenças, culturas e condições sociais, faz com que se constitua também como um espaço de conflitos. Ainda assim,

embora essencial na formação do sujeito, a escola, em hipótese alguma, consegue substituir a família.

A relação família-escola precisa ser priorizada e qualificada, a fim de que o aluno vivencie os processos de aprendizagem de forma integrada aos seus contextos, sejam eles escolares ou familiares. Pais e professores são, inevitavelmente, modelos para as crianças, podendo ser positivos ou negativos, e, em ambos os casos suas ações, julgamentos e valores são assimilados. Nesse sentido, os conhecimentos que família e escola, isoladamente, consideravam suficientes para a formação do indivíduo já não atendem às demandas contemporâneas; quando não trabalhados de forma articulada, podem contribuir para o desenvolvimento de transtornos como ansiedade e depressão, com repercussões ao longo da vida (TONET, 2021).

Essa compreensão encontra respaldo em diferentes perspectivas teóricas clássicas do desenvolvimento humano. Sob a ótica de Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio das interações sociais, sendo a aprendizagem um processo mediado culturalmente; assim, a fragilidade nas relações familiares e escolares pode comprometer significativamente esse desenvolvimento. Wallon, por sua vez, enfatiza a indissociabilidade entre emoção e cognição, evidenciando que estados emocionais, como a ansiedade, impactam diretamente a capacidade de aprender.

Na mesma direção, a Teoria do Apego, proposta por Bowlby, destaca que vínculos afetivos seguros são fundamentais para a regulação emocional da criança, influenciando sua segurança para explorar o ambiente e engajar-se nas atividades escolares. Já Piaget aponta que fatores afetivos e emocionais interferem na construção do conhecimento, reforçando que o desenvolvimento cognitivo não ocorre de maneira isolada das experiências emocionais vivenciadas pela criança.

Ressalta-se, contudo, que não cabe aos professores educar os pais, sendo seu foco principal o aluno, independentemente da história familiar que este carrega e que influencia seu desenvolvimento.

Corsaro (2005) também observa que as condições sociais das famílias influenciam diretamente a educação das crianças, podendo levá-las a um amadurecimento precoce, ao assumirem responsabilidades incompatíveis com sua faixa etária. Tais fatores desestabilizam o trabalho escolar e impactam negativamente a saúde mental da criança, uma vez que se torna desafiador lidar com alunos que chegam desmotivados, sobrecarregados por responsabilidades domésticas e com pouco incentivo familiar, o que frequentemente coloca a escola em segundo plano.

Segundo Pires e Yagashi (2015), a ausência familiar pode gerar na criança sentimentos de negligência e abandono em relação ao seu próprio desenvolvimento, favorecendo o surgimento de comportamentos inadequados, indisciplina, baixo rendimento escolar e ansiedade infantil. Ainda que não intencionalmente, os pais influenciam a aprendizagem dos filhos por meio de atitudes e valores transmitidos no cotidiano, assim, quando o aluno vive em contextos de vulnerabilidade ou apresenta baixa autoestima, seu desempenho escolar tende a ser prejudicado.

À luz dessas discussões, evidencia-se que a ansiedade infantil não pode ser compreendida de forma isolada, mas como um fenômeno multifatorial, no qual fatores emocionais, sociais e familiares interagem diretamente com o processo de aprendizagem. Dessa forma, a articulação efetiva entre família e escola mostra-se indispensável tanto para a identificação precoce de dificuldades quanto para a construção de estratégias de intervenção que promovam o desenvolvimento integral da criança.

A família exerce papel essencial na saúde mental da criança, podendo contribuir positiva ou negativamente nesse processo. Tanto a família quanto a escola têm a responsabilidade de promover o desenvolvimento da sociabilidade e da afetividade dos sujeitos. No entanto, observa-se que, frequentemente, a família atribui tais responsabilidades exclusivamente à escola. Essa função, contudo, não deve ser transferida, mas compartilhada entre ambas as instituições, por meio de um trabalho conjunto. Ressalta-se que, por mais esforços que a escola realize, ela jamais substituirá a família (BRENDLER, 2013).

A escola, por sua vez, aponta a ausência familiar no acompanhamento do desempenho escolar da criança, a dificuldade dos pais em estabelecer limites e a falta de diálogo no ambiente doméstico como fatores que prejudicam a transmissão de valores éticos e morais fundamentais para a convivência em sociedade. Essa ausência contribui para o desenvolvimento de comportamentos como apatia em relação às atividades escolares, dificuldades de interação com colegas e insegurança emocional, comprometendo, assim, a saúde mental da criança (BENCINI, 2003).

A criança que não vivencia limites adequados tende a apresentar dificuldades em lidar com frustrações, como aceitar perdas em brincadeiras ou situações cotidianas. Essa limitação pode se estender para a vida adulta, formando indivíduos inseguros e emocionalmente despreparados, mais suscetíveis ao desenvolvimento de transtornos como ansiedade e depressão. Por outro lado, a família frequentemente aponta a escola como excessivamente exigente, responsabilizando-a pelo acompanhamento da aprendizagem, o que evidencia um movimento de transferência de responsabilidades entre as partes (MUNIZ, 2016).

Na contemporaneidade, observa-se que muitas famílias delegam à escola não apenas a instrução formal, mas também a formação ética, moral e comportamental das crianças. Espera-se que a escola ensine desde conteúdos acadêmicos até hábitos de convivência e higiene. Tal postura é frequentemente justificada pelas demandas do trabalho e pela falta de tempo dos pais. Contudo, de forma contraditória, algumas famílias, especialmente em contextos de vulnerabilidade, não atribuem à escola o devido valor como meio de ascensão social (WEBER; DA SILVA, 2021).

De acordo com Gomide (2004), mesmo diante de rotinas exaustivas, é fundamental que a família mantenha o diálogo com a criança. A comunicação aberta e afetiva pode ser mais eficaz do que práticas punitivas, contribuindo para o desenvolvimento emocional saudável. Reservar momentos para a escuta e a troca de experiências fortalece vínculos e auxilia na construção da segurança emocional infantil.

A ausência dos pais na vida escolar é frequentemente justificada por fatores como carga horária de trabalho e indisponibilidade de tempo, o que dificulta a comunicação entre família e escola. Em muitos casos, essa ausência torna-se culturalmente naturalizada, sendo que a participação familiar ocorre apenas após insistentes solicitações da escola, geralmente quando a criança já apresenta dificuldades significativas. Esse cenário contribui para sentimentos de desamparo e desmotivação, impactando negativamente o rendimento escolar e a saúde mental da criança (TONET, 2021).

Nesse contexto, evidencia-se a sobrecarga docente, uma vez que professores passam a assumir, além de suas funções pedagógicas, papéis relacionados à formação social e emocional dos alunos, ensinando desde normas de convivência até valores básicos, além do conteúdo programático previsto (MOREIRA; SILVA, 2015).

À luz das teorias do desenvolvimento, essa realidade reforça a importância dos vínculos e das interações no processo de aprendizagem. Conforme Vygotsky, o desenvolvimento ocorre por meio das relações sociais, assim, a fragilidade dessas relações compromete a aprendizagem. Wallon destaca que emoção e cognição são indissociáveis, enquanto Bowlby evidencia que vínculos afetivos seguros são fundamentais para a regulação emocional. Piaget, por sua vez, reforça que os aspectos afetivos interferem diretamente na construção do conhecimento. Dessa forma, a ausência familiar configura-se como um fator de risco significativo para o desenvolvimento integral da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, evidenciou-se a necessidade de ampliar a análise para além da ansiedade em si, incorporando a influência determinante da família no desenvolvimento

infantil. Conforme apontado por diversos autores, a família desempenha papel fundamental tanto no enfrentamento das manifestações de ansiedade quanto no apoio à aprendizagem, sendo o trabalho da escola, em muitos casos, dependente do suporte familiar.

A proposta inicial de compreender como a ansiedade interfere na aprendizagem conduziu à constatação de que essa relação não pode ser analisada de forma isolada, sendo imprescindível considerar a articulação entre família e escola. O trabalho conjunto entre essas instituições mostrou-se essencial para o enfrentamento das dificuldades emocionais e cognitivas apresentadas pelas crianças.

Os estudos indicam que a ansiedade pode ter origem multifatorial, incluindo predisposição genética, bem como fatores internos e externos, tais como ausência familiar, baixa autoestima e dificuldades de socialização. Quando associados, esses fatores tendem a intensificar os sintomas ansiosos, refletindo diretamente no ambiente escolar, podendo levar a comportamentos de apatia, desinteresse e defasagem na aprendizagem.

No contexto, marcado pela pandemia da Covid-19, observou-se o surgimento de fenômenos como a chamada “Síndrome da Gaiola”, associada ao isolamento social e ao medo de retomar atividades presenciais. Embora ainda careça de maior aprofundamento científico, esse fenômeno reforça a complexidade dos impactos emocionais vivenciados pelas crianças no período pós-pandêmico.

Diante desse cenário, destaca-se a importância de um olhar atento e sensível por parte de família e escola, no sentido de identificar precocemente sinais de ansiedade. A escuta qualificada da criança torna-se fundamental, considerando que, ainda que suas queixas pareçam simples ao adulto, possuem grande relevância em seu universo emocional. Quando necessário, a busca por acompanhamento especializado deve ser incentivada.

Por fim, a pesquisa confirma três aspectos centrais: o aumento dos casos de ansiedade infantil, os impactos negativos da ansiedade sobre a aprendizagem e a importância do trabalho conjunto entre família e escola como fator protetivo e promotor do desenvolvimento integral da criança. Assim, reforça-se a necessidade de fortalecer essa parceria, visando não apenas o desempenho escolar, mas, sobretudo, a saúde mental e o bem-estar infantil.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO. DECRETO Nº 65.849, de 6 de julho de 2021. Altera a redação do Decreto nº 65.384, de 17 de dezembro de 2020, que dispõe sobre a retomada das aulas e atividades presenciais no contexto da pandemia de COVID-19. SÃO PAULO, 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2021/decreto-65849-06.07.2021.html> .> Acesso em : 08 jan. 2026.
- ASSIS, Simone Gonçalves de et al. Ansiedade em crianças: Um olhar sobre transtornos de ansiedade e violências na infância. In: *Ansiedade em crianças: um olhar sobre transtornos de ansiedade e violências na infância*. 2007. p. 87-87.
- BAIA, Ineide Ferreira. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA ESCOLA MARIA DE NAZARÉ OLIVEIRA NA TURMA DE JARDIM II. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/importancia-familia-processo-ensino-aprendizagem-dos-alunos-escola-maria-nazare-oliveira-jardim-ii.htm>>. Acesso em : 08 jan. 2026.
- BENCINI, Roberta. Cada um aprende de um jeito. 2003. *Nova Escola*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/144/cada-um-aprende-de-um-jeito>>. Acesso em : 12 jan. 2026.
- BOWLBY, John. *Apego e perda: apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BRASIL. Constituição da república Federativa do Brasil (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [ipea.gov.br](http://ipea.gov.br). Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&ordering=3&limitstart=4460&limit=20](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=4460&limit=20)>. Acesso em: 08 /01/2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Uma a cada 4 crianças e adolescentes teve sinais de ansiedade e depressão na pandemia. 2021. Disponível em:< <https://www.camara.leg.br/noticias/774133> >. Acesso em: 12 de janeiro 2026.

- BRENDLER, Angela. Família no contexto escolar: sua participação no processo de aprendizagem. 2013. Disponível em:  
<[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendler\\_Angela.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendler_Angela.pdf?sequence=1)  
> Acesso em : 08 jan. 2026.
- CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação & Sociedade*, v. 26, p. 443-464, 2005. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/228952894\\_Entrada\\_no\\_campo\\_aceitacao\\_e\\_natureza\\_da\\_participacao\\_nos\\_estudos\\_etnograficos\\_com\\_crianças\\_pequenas/link/0004543f0cf2847a19ee81b5/download](https://www.researchgate.net/publication/228952894_Entrada_no_campo_aceitacao_e_natureza_da_participacao_nos_estudos_etnograficos_com_crianças_pequenas/link/0004543f0cf2847a19ee81b5/download)>. Acesso em : 08 jan.2026.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Artmed Editora, 2018. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=8R5vDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Dalgalarrrondo,+P.+\(2000\).+Psicopatologia+e+semiologia+dos+transtornos+mentais.+P&ots=10AC\\_XmPLc&sig=Z5t-Ou5pk\\_ZdTp7Xd215jFWzvik#v=onepage&q=Dalgalarrrondo%2C%20P.%20\(2000\).%20Psicopatologia%20e%20semiologia%20dos%20transtornos%20mentais.%20P&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=8R5vDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Dalgalarrrondo,+P.+(2000).+Psicopatologia+e+semiologia+dos+transtornos+mentais.+P&ots=10AC_XmPLc&sig=Z5t-Ou5pk_ZdTp7Xd215jFWzvik#v=onepage&q=Dalgalarrrondo%2C%20P.%20(2000).%20Psicopatologia%20e%20semiologia%20dos%20transtornos%20mentais.%20P&f=false)> . Acesso em : 12 jan.2026..
- Dicionário Etimológico. *Educar: origem da palavra*. 2008. Disponível em:  
<<https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>>. Acesso em : 08 jan.2026..
- FERRARI, Márcio. ÉMILE Durkheim, o criador da sociologia da educação. 1 out. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/456/criador-sociologia-educacao>>. Acesso em : 12 jan.2026..
- FUND, RevLatinoam Psicopat. O implacável gene causador da ansiedade e do pânico. *British Journal of Psychiatry*, v. 181, p. 457-59, 2002. Resenhado por: Joyce M. Gonçalves Freire. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/HvbBLqQSxJK8kZxCmS3n7Jj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em : 08 jan.2026..
- GANDRA, Alana. Pesquisa revela aumento da ansiedade entre brasileiros na pandemia. Agência Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia>>. Acesso em : 12/01/2026.
- GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GREENE, Ross W. *The explosive child: a new approach for understanding and parenting easily frustrated, chronically inflexible children [A criança explosiva: uma nova abordagem para compreender e educar crianças facilmente frustradas e inflexíveis]*. 5. ed. New York: HarperCollins, 2014.

- HUBERTY, Thomas J. *Anxiety and anxiety disorders in children: information for school psychologists* [Ansiedade e transtornos de ansiedade em crianças: informações para psicólogos escolares]. Bethesda: National Association of School Psychologists, 2012.
- LIMA, Rejane Nubia Gossler. Relação família/escola: uma parceria importante no processo de ensino e aprendizagem. Brasil Escola. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacao-familia-escola-uma-parceria-importante-no-processo.htm>>. Acesso em : 12 jan.2026.
- MOREIRA, Filipa. Ansiedade em contexto escolar nas crianças | Hospital da Luz. Hospital da Luz. Disponível em: <<https://www.hospitaldaluz.pt/pt/guia-de-saude/saude-e-bem-estar/223/ansiedade-contexto-escolar-criancas>>. Acesso em : 12 jan.2026..
- MOREIRA, Magna da Silva Costa; SILVA, Marcelo Gomes Da. Relação família-escola: peculiaridades, divergências e concordâncias no processo ensino-aprendizagem. Educação Pública. Disponível em:< <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/24/relao-familia-escola-peculiaridades-divergencias-e-concordancias-no-processo-ensino-aprendizagem>, v. 7, p. 10, 1920.>. Revisão- Acesso em:12 jan.2026..
- MORO, Eduardo Toshiyuki; MÓDOLO, Norma Sueli Pinheiro. Ansiedade, a criança e os pais. Revista Brasileira de Anestesiologia, v. 54, p. 728-738, 2004.
- MUNIZ, Monalisa; FERNANDES, Débora Cecílio. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. Psicologia Escolar e Educacional, v. 20, p. 427-436, 2016.
- OLIVEIRA, Adriana A. A. de et al. Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade. Revista de Psicologia da UNESP, ASSIS, ano 2014, v. 1, n. 13, p. 12. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a03.pdf>> Acesso em: 12 jan.2026..
- PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- PIRES, Juliana Gabricho Capella e YAGASHI, Solange Franci Raimundo. A relação entre família, escola e dificuldades de aprendizagem. 2015.Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2015/trabalhos/co\\_02/48.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_02/48.pdf)> Acesso em : 08 jan.2026..
- TONET, Silvana Padilha da Silva. Família e escola em um único objetivo. 2021. Meu Artigo Brasil Escola. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/familia-escola-em-um-unico-objetivo.htm>>. Acesso em: 09 jan.2026..
- UNICEF. Global Research, 2020. <https://www.unicef.org/globalinsight/stories/rethinking-screen-time-time-covid-19>> Acesso em: 09 jan. 2026.
- UNICEF . The State of the World's Children 2021: On My Mind. New York: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021> Acesso em: 09 jan. 2026.

VICTORELLI, Luís. Uso de eletrônicos por crianças é tema de pesquisa» USP Campus Bauru - Universidade de São Paulo. Bauru.usp.br. Disponível em:  
<<https://www.bauru.usp.br/?p=8307>>. Acesso em: 09 jan.2026..

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, Gilvani Abatti ; DA SILVA, Irene Ferreira de Souza. A importância da família na escola. 2021. Monografias Brasil Escola. Disponível em:  
<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-familia-na-escola.htm>>. Acesso em: 09 jan.2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO).Adolescent mental health. Geneva, 2023.  
Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>  
Acesso em: 12 jan. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO); UNICEF.Mental health of children and young people: global overview. 2024.Disponível em: <https://www.who.int> Acesso em: 12 jan. 2026.

ZANFER, Gustavo. Síndrome da Gaiola caracteriza jovens que não querem contato com o mundo exterior. Jornal da USP. Disponível em:  
<<https://jornal.usp.br/atualidades/sindrome-da-gaiola-caracteriza-jovens-que-nao-querem-contato-com-o-mundo-exterior/>>. Acesso em: 09 jan.2026..